

AS RELAÇÕES DE PODER E O DISCURSO SOBRE A LOUCURA NO CASO DO COLÔNIA DE BARBACENA

MONIQUE NAVARRO SOUZA¹; KELIN VALEIRÃO³

¹Universidade Federal de Pelotas – *monique_n_souza@hotmail.com*

³Universidade Federal de Pelotas- *kpaliosa@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O hospital psiquiátrico Colônia de Barbacena (1903-1980), localizado em Minas Gerais, ficou conhecida pelo tratamento desumano que oferecia aos pacientes e pelo seu descaso e negligência com o cumprimento das mínimas condições de vida dos internos. Para a Colônia, eram enviadas junto daqueles considerados loucos, pessoas que não tinham qualquer tipo de transtorno mental, mas encaminhadas por não estarem de acordo com a normalidade social vigente. Eram eles: gays, mendigos, prostitutas, opositores políticos e pessoas que se encontravam em grupos marginalizados socialmente. Estima-se que o número de mortes que ocorreram na Colônia foram cerca de 60 mil pessoas.

No presente trabalho, temos como objetivo realizar uma abordagem sobre o modo de internamento e tratamento da vida do dito louco na Colônia; do discurso no qual ele estava inserido, sobre quem tinha o poder da prática e o saber legítimo sobre o louco, analisando também o seu contexto, utilizando dos conceitos de Michel Foucault, pois em suas obras encontramos a reunião de textos, entrevistas, seminários, discursos e ensaios, organizados em uma perspectiva consideravelmente ampliada do pensamento do filósofo a respeito da loucura.

Assim sendo, analisaremos as relações de poder que transitavam no discurso da loucura do Hospital psiquiátrico Colônia de Barbacena, amparados na crítica foucaultiana sobre a psiquiatria como instituição que se constituiu, através de suas práticas, enquanto portadora do saber legítimo sobre a loucura, produzindo assim um discurso de verdade sobre a normalidade e anormalidade dos sujeitos.

2. METODOLOGIA

O trabalho, de cunho bibliográfico, realiza-se a partir de uma abordagem concentrada em leituras do filósofo francês Michel Foucault, utilizando especificamente, obras onde o autor debruça-se acerca de questões que abordam a temática da loucura, relações de poder, discurso e psiquiatria. Temas que configuram o espaço no qual o nosso objeto de análise se constitui: o hospital psiquiátrico Colônia de Barbacena e, com ele, suas práticas, técnicas e discursos legitimados, que enquadram o louco, possibilitando a eles condições desumanas, torturas e, conseqüentemente, a morte.

O autor nos possibilita utilizar os conceitos como ferramentas para problematizar as relações e o discurso da loucura, no caso do Colônia de

Barbacena, gerando assim, uma problematização sobre a vida do dito louco inserido nessa instituição.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para Michel Foucault, a loucura não pode ser encontrada em si mesma. A loucura só existe em sociedade, ela não existe fora das normas da sensibilidade que a isolam e das formas e repulsa que a excluem ou a capturam. Segundo o autor, o século XX se apossa da loucura, e a reduz a um fenômeno natural, ligado à verdade de mundo. Ela se constitui enquanto uma construção social.

O modo como os pacientes eram tratados: o funcionário enquanto leva o paciente à morte através do eletrochoque, dos maus-tratos, dos abusos e do abandono também por parte da equipe médica, fortalece e legitima o poder do diagnóstico da psiquiatria, padronizando os pacientes e os diagnósticos do Colônia.

Essas práticas se dão porque existe o monopólio de definição do que é a loucura pela instituição psiquiátrica. Esse conceito, deixado frouxo em seu aspecto descritivo, permitiu-se atender também a interesses sociais e particulares, fazendo com que todos os pacientes do Colônia fossem submetidos a atrocidades a partir do momento do internamento, fortificando toda esse arranjo institucional do poder sobre a vida, gerando também resistências por parte de alguns dentro do Colônia. Tais práticas vão esquadrinhando toda a instituição, partindo de suas relações de poder e controle, desde sua arquitetura, organização, até a prática das equipes, que partem de uma definição vaga de loucura, mas que se justifica afastando-se deles e os definindo como loucos.

Discursos sobre a loucura que sistematicamente articulados dentro de um sistema de loucuras em comum, tornaram o Colônia de Barbacena em um espaço que teve suas próprias regras (des)construídas e (re)construídas, partindo de interesses legítimos, assegurados por variantes razões.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa traz como inovadora a percepção, a partir do referencial foucaultiano, de que o conceito de loucura adotado pelo hospital psiquiátrico, Colônia de Barbacena, era tão abrangente e vago que incluía também quem não era louco – uma vez que cerca de 70% dos pacientes internados não possuíam laudo psiquiátrico; mas tornavam-se loucos dentro daquele arranjo institucional, pois as práticas da instituição, para com eles, os inseriam no discurso da loucura e, da mesma forma, havia uma loucura que permitia a continuidade dessas práticas.

O que aconteceu em Barbacena foi uma imprudência com a humanidade. Muitos morreram devido à trama de discursos, descaso e conivência dos funcionários, dos médicos, das autoridades locais, das instituições e da sociedade do Estado brasileiro, que tinham interesses em comum nessas medidas de exclusão que, por sua vez, denunciavam a loucura dos ditos “normais”.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARBEX, D. **Holocausto brasileiro**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault: Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

FOUCAULT, M. **Ditos & Escritos I – Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2002.